



PALERMO

A cidade de Palermo foi bastante celebre na antiguidade. Thucydides diz que os Phenicios, por occasião da chegada das colonias gregas á Sicilia, no primeiro seculo da fundação de Roma, se retiraram para *Panormos*, que os Latinos depois chamaram *Panormus*. Esta cidade foi successivamente occupada pelos Carthaginezes, Romanos, Gregos do Baixo-Imperio, Sarracenos, principes normandos, Francezes da dynastia d'Anjou, Aragonezes, Espanhoes e Francezes da raça dos Bourbons. Hoje, esta capital da Sicilia tem uma população de cento e quarenta mil habitantes. O epitheto de *felice* foi-lhe dado muito tempo depois, por causa da sua belleza, da actividade florescente do seu commercio, da fertilidade do solo, da serenidade do seu ceu, da amenidade da sua situação, e da riqueza e cortezia da maior parte dos seus habitantes. Se o vento chamado *scirocco*, não soprasse alli, não haveria, sem duvida, no mundo paiz mais saudavel do que a Sicilia. O seu golpho não é menos risinho do que o de Napoles, e a corôa pittoresca que formam ao longe, em torno d'ella, o monte Peregrino, o cabo Zafferano e as collinas da Bagaria, semeadas aqui e alli de lindissimas casas de campo, dão a esta cidade o aspecto mais encantador, e tornam-n'a uma vivenda muito agradavel. As ruas

são largas e compridas; duas de entre ellas cruzam-se no meio da cidade, dividindo-a assim em quatro partes eguaes. A que tem por nome *Cassaro*, cujo comprimento é de mil e quinhentos metros e largura treze, prolonga-se parallelamente á praia, desde a porta Antoniana até á porta Maqueda; a outra, chamada Rua Nova ou de Toledo, tem duzentos e cincoenta metros de comprimento; é mais larga do que a precedente, e estende-se desde a Porta Nova até á Porta Felice. Estas duas portas são muito notaveis: uma pelo seu arco de triumpho e a outra pela nobreza da sua architectura.

A praça está situada justamente no ponto em que, as duas ruas, que acabamos de citar, se encontram: a fôrma é octogona, rodeiam-n'a bellas casas, cuja architectura se compõe das tres ordens dorica, jonica e corinthia, artisticamente combinadas, e está ornada com as estatuas de Carlos V, Filippe II, Filippe III e Filippe IV. Fóra da porta Felice, vê-se o magnifico passeio da Marina, que conduz ao de Flora. Este ultimo jardim é de rara belleza. A pouca distancia ha um rico jardim botânico no qual as plantas exóticas crescem e se multiplicam como no seu solo natal.

A porta de Palermo é pequena, mas commodada, segura e bem fortificada.

A praça do palacio real é bastante espaçosa, e tem no centro a estatua em bronze de Filippe IV,

rodeada de outras de menor dimensão, que representam as virtudes d'este príncipe. A praça Pretoriana distingue-se por uma fonte, cujo desenho e esculptura são admiráveis, não obstante a extravagância da concepção. A praça San Domenico contém as estatuas em bronze de Carlos III e de Maria Amelia, sua esposa, e uma columna magnifica que sustenta a estatua em bronze de Nossa Senhora. A frontaria da igreja de San Domenico fórma egualmente um dos principaes ornamentos d'esta praça. A praça de Bologni apresenta aos entendedores uma bella estatua em bronze de Filippe V.

Palermo conta um grande numero de igrejas, todas merecedoras de particular attenção. A cathedral, diz Mr. Moret, fundada em 1170, por Gautbier, no reinado de Guilherme II, é um vasto edificio de aspecto imponente, mas de um genero hybrido; é um quadrilongo com travessas salientes, terminado em cada extremidade por quatro altas torres, elevando-se, no centro, um zimbório de architectura italiana. Uma ponte suspensa junta ao corpo do edificio uma outra torre de fórma differente, mas de altura igual á das outras. A frontaria principal é lateral e dá para uma praça longa que a separa da rua Nova; a entrada é de estylo mixto, que M. Fargasse classifica, não sem razão, de arabe-normando, assim como o todo exterior e os campanarios. O conjuncto, semi-oriental e semi-europeo, é sóberbo e magestoso; mas ao primeiro exame, reconhecem-se logo os retoques, variedades e mesmo, permitta-se-nos a expressão, a hostilidade dos estylos. O interior não é tão esplendido e bello como o exterior, comtudo tem bastantes ornamentos. A abobada está sustentada por oitenta columnas de granito oriental. O altar mór é riquissimo, e distingue-se por uma columna magnifica de lapislazuli, de extraordinaria dimensão. Notam-se tambem n'esta igreja muitos mausoleos de marmore branco e de porphyro, onde repousam as cinzas de antigos monarchas.

A igreja de S. José acha-se situada na praça Vigliana; encerra grandes columnas de marmore turqui, preciosas pedras no altar mór, e uma capella subterranea cujos ornamentos são riquissimos.

Entre os monumentos religiosos que erigiram ao deos dos exercitos, que os fazia triumphar, os valerosos filhos de Hauteville, o estrangeiro observa com interesse a igreja de Martorana, uma das mais curiosas da Sicilia, que foi edificada, dizem, por Georgio Rozio Antichiano, almirante do rei Rogero, pelos annos de 1140. Contém mosaicos, pinturas soberbas e alguns trabalhos admiráveis de esculptura. Esta igreja acha-se sob a invocação de São Simeão.

Citaremos tambem as igrejas de S. Matteo ou dell'Anima, S. Giuseppe dei Teatini, Jesu, S. Domenico, Olivella, S. Filippe Neri, a capella subterranea, dita Capella del Santo Crocifisso, o oratorio do Rozario, etc., etc., onde se encontram magnificas pinturas e objectos de arte muito curiosos.

Os palacios de Palermo são numerosos e ricos. O Palacio Real, perto da porta Nova, foi em outro tempo uma fortaleza defendida por muitas torres, das quaes apenas resta uma, que hoje serve de observatorio astronomico. Este palacio é a residencia do tenente-rei. A capella que n'elle existe, chama-se de S. Pedro; é obra de architectura magestosa e contém preciosos marmores, magnificos mosaicos e outras muitas raridades.

O palacio do senado, diante do qual está a fonte, de que já fallámos, é tambem digno de admiração; possui duas estatuas antigas e muitos fragmentos gregos e romanos.

Entre os palacios particulares citaremos os dos principes Brotera, Torremuzza, e os dos duques de Gravina e de Anjou.

Palermo tem cinco hospitaes, uma universidade, tres bibliothecas publicas, a Pinacoteca (galeria de pinturas) para a fundação da qual contribuiu poderosamente o príncipe de Belmonte, o museu archeologico, que contém uma grande collecção de medalhas greco-sicilianas, e que todos os dias recebe as raridades que se encontram nas escavações feitas em diversos pontos da ilha, e, enfim, a fundição real.

Os arrabaldes de Palermo não são menos interessantes. Saindo da cidade pela estrada ao longo da praia vê-se o Lazareto e chega-se ao pé do monte Peregrino, chamado pelos antigos, Eretas. Esta montanha, durante as guerras punicas, teve alguma celebridade; depois caiu no esquecimento. Mas, em 1624, descobrindo-se alli, em uma gruta, o cadaver da virgem real, Santa Rosalia, começou a adquirir novamente importancia. Esta santa, fugindo aos attractivos da corte, refugiou-se n'aquella gruta, onde passou uma vida solitaria e contemplativa. O seu cadaver tendo sido transportado para Palermo, no tempo em que a peste devastava esta cidade, e cessando n'essa occasião o flagello, fez com que fosse declarada, Santa Rosalia, a protectora de Palermo, e em seguida se transformasse a gruta em uma igreja, cujo aspecto é maravilhoso. A estrada que a ella conduz, construida nas costas do monte, custou grandes sommas; está quasi toda assente sobre solidos arcos de alvenaria. Instituiu-se tambem, por aquella occasião, uma festa annual, que se celebra a 15 de julho, e que attrahe a Palermo uma grande multidão de curiosos. N'este dia, a igreja depositaria dos restos mortaes da santa, apresenta-se de tal modo illuminada, que a vista sente-se offuscada com o brilhantismo das luzes.

São tambem notaveis dois castellos de estylo mourisco; um chamado Ziza, que se eleva na aldeia de Olivazza, pertencente ao príncipe Scherra, e o outro denominado Cuba, situado na estrada de Monreale. Estes nomes de Ziza e Cuba, são os dos filhos de um Emir, que os mandaram construir pelos seus arabes. A situação d'estes dois edificios é admiravel.

Avista-se ao longe Monreale pela sua elevada posição; esta cidade bellissima e bem edificada, conta, aproximadamente, dez mil habitantes. En-

tre os seus magníficos templos, citaremos a cathedral de Sancta-Maria-Nuova, fundada por Guilherme o Bom, em 1174 e o convento dos Benedictinos, cujos arcebispos, *pro tempore*, são abbades. A grandeza d'este templo, a sua architectura, a raridade dos marmores que contém, as suas portas de bronze trabalhadas pelo celebre Pisan Bonanni, o S. Jeronymo, do escultor Antonio Gagini, os sarcophagos dos dois Guilhermes, o Bom e o Mau, e outros preciosos ornamentos, tornam esta igreja um dos melhores e mais sumptuosos edificios da Sicilia. Giovanni Luigi Lello, publicou d'ella uma exacta descripção, cuja melhor edição appareceu em 1702. Mas, de então para cá, o templo tem sido enriquecido de novos ornamentos, entre os quaes mencionaremos particularmente o altar mór, todo de prata, que o arcebispo Testa, prelado não menos piedoso que sabio, mandou fazer á sua custa no fim do seculo passado. Um incendio, em 1811, causou a esta igreja graves perdas, que, entretanto, teem sido inteiramente reparadas, á excepção de alguns tumulos que ficaram completamente destruidos. O mosteiro dos Benedictinos, possui um claustro extremamente notavel. Existe no seu refeitório uma pintura muito estimada, representando S. Benedicto distribuindo pão aos pobres. Este quadro é obra de Pietro Novelli, natural de Monreale, pintor digno de maior fama, que a de que gosa. Vê-se alli também um quadro de Raphael; a sua rica bibliotheca foi consideravelmente augmentada pelo arcebispo Testa.

A cidade de Palermo tem dois portos; um póde perfeitamente receber navios de grande lote; o outro apenas admite pequenos vasos mercantes. O seu commercio é limitado.

Palermo foi o theatro das famosas *Vesperas Sicilianas*, de que opportunamente fallaremos.

PEREZ LORENZO

(*Scenas da Campanha do Mexico*)
Por PINHEIRO CHAGAS.

VI

Não durou muito a impressão produzida por este sinistro espectaculo no animo dos contra-guerrilhas. A sua vida aventureira habituara-os a estas scenas, e não havia talvez entre elles um só, que não tivesse feito já alguma execução semelhante n'algum recanto sombrio das florestas mexicanas, ou dos desertos da California. A lei de Lynch impera ainda n'esses ermos, onde a relé das gentes europeas se despe dos incommodos fatos da civilização, e se arroja com enthusiasmo a plena barbaria. Olho por olho, dente por dente, eis a lei que rege essas hordas de emigrados, que vagueiam ás soltas pelas *savanas* da America.

Os officiaes francezes sentiram mais repugnancia. Os bravos militares, educados nas tradições cavalleirescas das guerras europeas, não podiam comprehender estas vinganças selvagens, e ainda menos a tolerancia com que o seu coronel parecia cobrir estes actos indignos. Agruparam-se em torno do capitão Viarmont, e a conversação animada, que

travaram em voz baixa, mostrava que a disciplina não seria já bastante forte para os reter, se esse verdugo, que lhes servira de guia, tivesse a audacia de reaparecer diante d'elles.

Comtudo o cadaver já lá ficava muito para traz, pendurado da sua arvore, e os contra guerrilhas caminhavam alegremente, de espingarda ao hombro, atravessando as clareiras innundadas pelo fulgor da lua, as veredas intrincadas da floresta, onde as hervas altas se curvavam ao peso das gotas do orvalho, e onde os ramos cruzados do arvoredado mal deixavam coarem-se alguns pallidos raios da rainha da noite. A influencia suave d'essa noite dos tropicos dissipára rapidamente a triste impressão, que por alguns momentos pairara sobre todos. O desaffogo, que o espirito mais intrépido sente, depois de uma batalha que se atravessou incolume, abria o animo dos officiaes e dos soldados ás brandas emanações d'aquella poetica natureza. A brisa da noite, impregnada nos frescos vapores dos arroios e das fontes, acariciava suavemente as faces dos contra-guerrilhas. Uma conversação animada percorreu as fileiras, que antes do combate haviam atravessado silenciosas esses mesmos sitios. Accenderam-se os charutos e os cigarros, parecendo que de subito um bando de pyrilampos sulcava com a sua luz palpitante a sombra do copado arvoredado. Brotaram aqui e acolá alegres risadas como um tiroteio de alegria, que se foi reforçando cada vez mais até que a final se transformou n'um confuso borborinho de risos, fallas, e cantos que encheu o silencioso bosque.

Subito ouviu-se ao longe, por entre a ramaria das arvores, um som vago e aerio, uma longinqua musica, que parecia exhalar-se do seio fremente das arvores, como um canto de fadas, ou um concerto melodioso entoado pelos sylphos, que se baloiçaram na ramaria das bananeiras. Todos se calaram, e, por um commum accordo, pararam e pozeram o ouvido á escuta. No meio d'esse silencio solemne ouviu-se mais clara, mais distincta e mais harmoniosa também essa musica distante, cujas notas vinham, no regaço da brisa, expirar no ouvido dos subordinados do coronel Dupin.

Entre-olharam-se todos com expressões bem diversas no olhar. Os soldados americanos revelavam a impressão supersticiosa, que lhes salteira logo os credulos espiritos, os europeus mais scepticos mostravam simplesmente espanto, e os officiaes francezes, de organização mais poetica e entusiastica, sentiam a doce surpresa do viajante que penetra n'um palacio de fadas, e que apenas se maravilha, sem se espantar, dos prodigios que vão succedendo.

Não houve talvez um só d'entre elles que não se julgasse o heroe predestinado de alguma aventura de incantamentos.

—Coronel, disse Viarmont approximando-se do commandante, entrámos, segundo me parece, nos jardins de Armida. Ou, se estivessemos no mar, em vez de estarmos no centro de uma floresta, dir-lhe-hia que tomasse cautella porque tinhamos as sereias comnosco.

—Capitão Viarmont, respondeu Dupin, não supponha que mereçamos às sereias a honra de sermos equiparados a Ulysses. E de mais, ainda que assim fosse, não temeria as consequências de tal apparição. Não seria de certo o capitão quem cederia às tentações. De outras mais perigosas escapou ha pouco, e vi com jubilo a lembrança dos seus deveres militares arrancar-l'o á doce influencia da sereia, que a todos nos incantou em casa de D. Ramon.

—E olhe que foi meritorio o sacrificio, tornou Viarmont rindo. Se tivesse fugido aos laços mágicos do amor para me arrojear no fervido seio de gloria; se tivesse deixado murchar a murta de Venus para enramar a fronte com os loiros de Bellona, como se dizia no tempo do nosso primeiro imperio; se saísse de casa de D. Ramon ao som dos clarins da alvorada, para ir entrar n'uma pugna brilhante como a de Solferino, em que se combatia á luz ardente do sol da Italia, á vista de dois imperadores e um rei, entre as cargas magnificas da cavallaria, o magestoso estrondo da artilheria, o som das musicas militares, o perfume inebriante da polvora; inflammados além d'isso pela consciencia de que defendiamos uma grande idéa, de que davamos a liberdade a um povo digno de a obter, então sim, não seria muito acerbo o sacrificio. O entusiasmo ardente das grandes batalhas era mais do que bastante para consolar da perda das doces commoções do amor! Mas sair d'um baile esplendido, abandonar um terraço cheio de aromas inebriantes, uma mulher adoravel que escuta com certa condescendencia o vago hymno namorado que lhe murmurámos ao ouvido, para irmos assistir a uma lucta nocturna com meia duzia de bandidos, para nos expormos a morrer obscuramente varados por uma navalha ou pela balla d'um revolver, para assistirmos a actos de barbaria que nos revoltam, e tudo isso impellidos porque motivo? Por um motivo que não podemos nem comprehender, nem acceitar, o de opprimirmos um povo livre, o de lhe impormos...

—Capitão, capitão! interrompeu o coronel com certa serenidade, cautella no que vai dizer! Nunca se emenda, continuou o benévolo Dupin sorrindo-se, é um *frondeur* incorrigivel.

Continua.

AS RÂS DE SARTILLY

Quando Mr. Kerengal combateu na Assembléa constituinte de França os direitos senhoreaes, e citou entre outros a obrigação imposta a certos aldeãos de bater as aguas dos tanques para fazer calar as rãs, uma parte da Assembléa indignou-se contra um preceito tão pueril e indecoroso. Achava-se então a nação franceza em uma epocha que obrigava a olhar para todas as coisas seriamente; os factos, portanto, tomavam a magnitude do principio que os produzia. Ainda se não tinha inventado essa zombaria systematica, que mais tarde appareceu nas reuniões, e que torna impossivel o pronunciar certas palavras ou tocar em certos pontos, porque o sarcasmo está sempre prompto para apoderar-se da sua presa e despedaçal-a.

Ora, se entre os privilegios senhoreaes houve algum inoffensivo foi, sem duvida, o de castigar as tranquillias aguas dos tanques. Os villãos olhavam-o mais depressa como um divertimento do que como um encargo e nunca o levaram a cabo, diz um auctor antigo, *sem canções e sem uma sa- raivada de ditos e gargalhadas*. Conserva-se uma tradição graciosa, consagrada por um proverbio, que justifica essa alegria sarcaslica, tão natural do povo normando.

Sartilly, situado no departamento da Mancha, tinha, ao que parece, na idade media grandes tanques cheios de canaveaes. Formavam, estes, verdadeiros bosques, cuja caça se compunha de rãs, caça alvoroçadora, cuja destruição se permittia aos aldeãos, que, em verdade, pouco se dedicavam a ella, porque a boa gente de Sartilly, segundo a tradição, era mais afeiçoada a comer tripas e a beber cidra do que a matar rãs.

Sucedeu, comtudo, n'um certo verão, a castellã, estrangeira que tinha chegado da França, seductora e *coquette* formosura, cega por musica e dança, achar-se fóra do seu elemento pela incommoda visinhança dos musicos aquaticos. As rãs não a deixavam dormir, perturbavam-lhe o canto, moiam-lhe a paciencia (as damas ainda não tinham inventado os nervos) em uma palavra, tanto fizeram, que a interessante castellã viu-se obrigada a supplicar a seu senhor, que era seu escravo, que, a todo transe, fizesse callar as malditas rãs.

O senhor, de Sartilly convocou, por consequencia, todos os aldeãos, para que sacudissem as mansas aguas, a fim de impor silencio á turba. Os villãos reuniram-se armados de grandes cajados e começaram a espancar o pobre tanque, não sem soltar alguns ditinhos com relação ao capricho da dama. Em pouco tempo o bosque de canas achou-se transformado em um charco immundo e asqueroso, de modo que a nobre castellã, não podendo supportar as suas pestilentas exalações, adoeceu. Chamaram-se todos os curandeiros das cercanias, que empregaram, durante trez mezes consecutivos, todos os esforços possiveis para salvar a castellã; mas tudo foi baldado; a pobre senhora caminhava de mal para peor. Não foi, senão depois de a terem deixado em paz, declarando a doença incuravel, que conseguiu algumas melhoras. Na convalescença appeteceu-lhe fiar, para o que mandou buscar uma roca verde; pois as canas de Sartilly servem para este uso; quando, porem, trataram de satisfazer o desejo da castellã, viram que os villãos, ao espancar o tanque, tinham reduzido a fanicos todas as rocas. A dama não gostou do divertimento e mandando chamar os destruidores das rocas reprehendeu-os asperamente. Um, porém, dos mais ousados, coçando na cabeça, e dando milhares de voltas ao barrete que tinha nas mãos, disse-lhe, que, no seu entender,

*Quem do mal de rãs soffria,
Rocas mister não havia.*

Este dito tornou-se alli proverbial, e hoje applica-se a todas as pessoas do bello sexo, extremamente delicadas ou habitualmente ociosas, que se dão ao trabalho por casualidade.

MURILLO

A grande gloria artistica da Hespanha cifra-se em dois nomes eternos; Cervantes e Murillo: Cervantes o pintor da terra, Murillo o pintor do ceu. Aquelle, mordaz, subtil, delicado, um pouco cynico, por vezes até galanteador, (como observa um grande espirito), encara o mundo atravez da mascara da comedia, e ri-se d'elle com o sorriso fino do sarcasmo. Este, crente, espiritualista, alma propensa ao extasi, imaginação que tende a erguer-se da terra para se engolfar em novos mundos, envolve as suas creações em uma atmosfera celestial, e imprime-lhes a feição dos anjos.

Sevilha, sua patria, é hoje o templo da sua gloria. No museu, uma das salas é completamente cheia pelos quadros de Murillo, um dos quaes, (S. Thomaz de Villanova) pôde ser reputado, no dizer dos entendidos, como a obra prima do pintor, e uma das mais notáveis em pintura.

Felicien Mallefille, nas suas *Memorias de D. Juan*, diz o seguinte, ao descrever Sevilha: « *Murillo, comme s'il avait voulu laisser à sa patrie le secret de son génie, n'existe réellement et ne se révèle qu'ici. La salle qu'on lui a exclusivement*

consacrée est un trésor et vaut à elle seule le voyage. » Vinte e tres são os quadros de que esta soberba galeria se compõe, galeria em que o viajante penetra como n'um santuario, com o respeito que as grandes obras impõem, e com o estremecimento que os grandes nomes suscitam.

Os quadros são:—O Nascimento, S. Leandro, e S. Boaventura, A Piedade, S. Agostinho, uma virgem, A Annunciação, outra virgem, outro S. Agostinho, S. Pedro Nolasco e a virgem da Mercê, S. José, Christo e S. Francisco, outro S. Agostinho, Uma visão de S. Antonio, Uma Conceição, S. Felix de Cantalicio, outro S. Felix, Uma Conceição, pequena, Santo Antonio, A Conceição ultima, Santa Justa e Rufina, S. Thomaz de Villanova dando esmola aos pobres, outro S. Felix, A Virgem da Toalha, (*de la servilleta*.)

A proposito d'este ultimo quadro corre, como justificação do nome, uma certa historia, que, seja ou não seja exacta, aceita-se, todavia, como rasgo característico do admiravel talento de Murillo. Este pintor havia sido encarregado de fazer diversos quadros para certo convento. Durante os mezes do trabalho, um leigo virtuoso, um amator tenaz, havia constantemente auxiliado o grande mestre, no

pouco, no quasi nada em que poderia ser-lhe util. A coadjuvação limitava-se, portanto, ao limpar dos pinceis e ao moer das tintas. Quando Murillo deu por concluidos os trabalhos de que o haviam incumbido, o pobre leigo por taes maneiras e com taes instancias lhe pediu uma memoria, uma recordação, uma lembrança apenas, que Murillo, pegando da toalha a que costumava limpar as mãos, traçou, esboçou, e em poucos dias concluiu o celebre quadro conhecido pelo nome de *Virgem de la servilleta*.

Digamos agora duas palavras biographicas:

Bartholomeu Estevão Murillo nasceu em Sevilha em 1618. Seu primeiro mestre em pintura foi Juan del Castillo. Até os vinte quatro annos o espirito do que mais tarde deveria ser uma

gloria humana, viveu, por assim dizer, circumscripto e encadeado. Castillo não era para norleiar o vôo incerto d'aquella aguia. Quando Pedro de Moya, na volta de Londres para Granada, passou pelo lugar onde Murillo se achava, trazendo consigo o fructo das lições de Van-Dick, Murillo, despertado subitamente, arrancado por aquellas obras ao marasmo em que se achava, sente inflamar-se-lhe n'alma uma luz nova, e parte para Madrid, a apresentar-se ao grande pintor de Filippe IV, Velasquez, então cercado de gloria, de respeito e de riquezas. O que os conselhos d'este mestre lhe produziram no animo, dil-o a rapida evolução do seu talento.

Dois annos bastaram para este noviciado; em 1645 vemos de novo Murillo em Sevilha, entregue a si proprio, pintando, progredindo sempre, lutando trinta e sete annos com esse gigante, que



depois se chama a immortalidade, e a quem elle ganhou os louros de que se engrinalda o seu tumulo.

O quadro de que a nossa gravura é copia existe ao presente na galeria nacional de pintura de Londres, pela qual foi comprado, em 1841, no leilão do espolio do sr. Simon Clark, por nove contos de réis

Representa elle, como se vê, o santo precursor de Christo. As palavras que annunciaram a redempção humana:

—«Eis-aqui o cordeiro de Deos por quem serão redemidos os peccados do Mundo;»—deram o assumpto para este delicioso quadro.

E. A. VIDAL.

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AÇA.

II

Propondo-me escrever não um pamphleto que derrame nova luz sobre a questão, como por ahí costumam dizer alguns arautos e pregoeiros amadores de litteratura ligeira, e onde se ataque accintemente com garras e dentes um dos grupos litterarios que se gladiam n'este momento, mas sim uma historia critica, uma apreciação rapida das idéas aventadas pelos contendores dos dois campos, parece-me ter sido logico começando pelo principio, isto é, por um esboço critico de algumas obras do sr. Theophilo Braga e do sr. Anthero do Quental, porque foram estas a causa occasional do sr. Antonio Feliciano de Castilho escrever as celebres paginas da carta ao sr. Pereira, e que a seu turno motivaram a epistola que tem por titulo *Bom senso e bom gosto*, dirigida por um dos criticados ao auctor da *Noite do Castello*.

Ia já tanta luz por ahí, a questão tem sido tratada e vista de tal alto, na altura dos principios como se costuma dizer em S. Bento, que livre-me Deus da tentação de elucidar n'este ponto aquem quer que seja. Com tal pretensão faria, sem duvida alguma, o effeito de um homem que em um brilhante dia d'estio sahisse á rua com uma lanterna accesa na mão.

Quando appareceu a *Visão dos tempos* fui um dos que applaudiram a tentativa poetica. O livro era uma promessa. Pensei d'elle o que agora penso. Entre outras coisas, achei-o confuso e pouco portuguez na linguagem da Introducção, que, attenta a novidade que seu auctor nos queria dar, devia vir mais cuidada e esmerada. Conhecendo a indole do nosso espirito que, desgraçadamente, não é dado a profundas cogitações, o sr. Theophilo Braga devia doirar a pillula. Não o fez. O resultado foi o que era de esperar. Correndo o risco de ser considerada como uma turba de ineptos a população leitora de Lisboa declarou, *una voce*, que o prefacio do novo livro era inintelligivel, e, rechaçada d'alli, lançou-se, anciosa de comprehender, sobre a Bacchante; e exaggerou o merecimento d'aquella composição porque..... a entendeu. Veem-se com bons olhos as coisas que nos lisongeiavam.

Porque é que o publico declarou que não percebia nem uma phrase da *Generalisação da historia da poesia*? Foi só porque ella não tinha aquelle esplendor de estylo tão grato aos nossos espiritos tão amantes da luz? ou porque a linguagem não denunciava o convivio dos bons modelos? Não, não foi só por isso. O publico não entendeu, porque em todo o caso não podia entender. E esta a verdade. E não podia entender porque não sabe.

Concorreram, portanto, tres razões, todas fortissimas, para que a prosa do sr. Braga não agradasse aos leitores; e vem a ser, a falta de clareza e vernaculidade do dizer, a pouca aptidão dos povos da peninsula para os estudos philosophicos, e principalmente a ignorancia quasi geral em que jazemos.

O livro receberia, por certo, outro acolhimento, se o auctor fosse mais logico, attentasse com mais circumspecção na natureza e circumstancias do nosso publico, e fizesse, em vez de uma generalisação, um trabalho analytico. Não digo aqui se esta tarefa era mais ou menos difficil do que a que escolheu; provavelmente ser-lhe-ia impossivel leva-la a cabo com a proficiencia que ella exige, mas, qualquer que fosse o exito da obra, havia já a agradecer a intenção e a louvar o senso critico do poeta que mostrava d'esse modo conhecer a atmospheria intellectual em que vive e querer ser util ao seu paiz.

Muitos dos livros escriptos em Allemanha não podem ainda ser percebidos e utilizados por quem sahio dos nossos mesquinhos estabelecimentos secundarios, ridiculos se os compararmos com os gymnasios allemães, com as escolas normaes e faculdades de lettras da Franca e com os institutos livres da Grã-Bretanha. E depois, conviver com Balzac, Dumas, Musset e o philosopho Henrique Heine, não é habilitação sufficiente para estudar Otfried Muller e os escriptores da eschola historica allemã. O nosso publico está ainda muito innocente n'estes assumptos. Os mais adiantados leem a *Revista dos dois Mundos*; os outros continuam a folhear romances; a grande maioria dos escriptores entretem-se a fazer estylo, isto é, cobrir esqueletos com muitos ouropeis. Isto, que é visivel e clarissimo, escapou ao senso profundo do sr. Theophilo Braga.

Qualquer que seja a impressão que produzam as minhas palavras não me tremeo a mão ao escreve-las, porque estou convencido da verdade d'ellas, porque entendo que é necessario dar um exemplo de consciencia litteraria, e porque hei de ter sempre a audacia de dizer o que penso.

Encantados n'este palmo de terra, communicando com a Europa pelo Mediterraneo, gosamos de uma grande liberdade politica, mas n'isso se cifram as nossas venturas. É muito, mas não é tudo. As sciencias, as lettras e as artes jazem entregues ao esquecimento; foram preteridas pela politica. Deus queira que não venha longe o dia do seu renascimento entre nós.

Bunsen escreve a sua obra sobre o logar do Egypto na historia universal, Layard traz das

suas viagens as *Antiquidades de Niniveh*, Otfried Muller morre aos quarenta annos, victima do seu amor á sciencia, e deixa-nos os *Etruscos*, os *Doricos*, o *Manual d'archeologia da arte e a Historia da litteratura grega*, (1) Curtius e Grote escrevem a *Historia da Grecia*, trabalhos admiraveis, ricos de sciencia e de critica, multiplicam-se as edições da *Sciencia da falla* de Max Muller, um dos primeiros philologos modernos, etc. mas todos estes estudos são perdidos para nós, porque as nossas bibliothecas não os possuem, porque os nossos jornaes e revistas não se occupam d'elles e mostram desconhece-los completamente, porque a nossa sciencia em materia de philologia, tomando esta palavra no sentido allemão, conserva-se pouco mais ou menos na altura da de Frei Bernardo de Brito, porque, quando se discute a formação das linguas, ainda ouvimos fallar a serio na Torre de Babel, porque se ataca a philosophia e a sciencia da Allemanha, fachos que illuminam hoje todo o mundo pensador, sem previamente as ter lido e estudado, e não ha por ahí basbaque nenhum que não mofe da philosophia transcendente, indo, infelizmente, achar ecco na intelligencia de homens que teem obrigação de guiar os outros e de resistir ás más paixões da ignorancia e da vaidade.

Os nossos antepassados são insultados porque vieram do Norte, são barbaros! Para se dizer isto é necessario esquecer que foram esses selvagens os fundadores das nações modernas.

Em que tempo vivemos nós? Estamos no seculo XIX ou ouvimos os oradores romanos pedir legiões para guardar os limites do imperio e ir resgatar as aguias de Varro sepultadas nos plainos da Germania?

(Continua)

FESTAS DOS MUSULMANOS

A sexta feira é para os musulmanos o que o domingo é para os christãos e o sabbado para os hebreus. Nesse dia concorrem aos templos, onde devem entrar descalços, passeiam, dão suas reuniões, etc.

No dia 8 de *maharran*, primeiro mez, celebram por dez dias seguidos o assassinato de Ocein, grande iman da Persia; e n'este mez estão prohibidas as hostilidades, pois ha suspensão de armas, não sendo caso de grande urgencia.

Na primeira sexta feira de *safar*, segundo mez, reúnem-se os turcos para tratarem assumptos de guerra e seus preparativos. No dia 11, celebram a santa noite e festa do nascimento de Mafoma; alguns califas festejam-n'a seis dias depois; e na ultima quarta feira celebram a santa noite ou a festa da trombeta que convocará a juizo.

No dia 5 de *rabie*, terceiro mez, tem lugar a festa da noite santa da concepção de Mafoma. A 16 commemoram a santa noite da sua ascensão.

Em 15 de *schaben*, oitavo mez, é a festa da santa noite do exame ou acções dos homens, es-

criptas pelos anjos para serem apresentadas no tribunal divino.

O mez santo de *ramadan*, e nono, é de um jejum rigoroso, e não comem nem bebem senão depois do sol posto. Na tarde e vespera do primeiro dia do mez seguinte, *schabal*, começam a festejar a sua paschoa ou o grande *Bisrem*.

Em 24 de *ramadan* festejam a noite santa da omnipotencia ou revelação de mysterios de Deos a Mafoma. Em 16 de *schah* celebram a victoria ou a batalha de Oud, dada por Mahomet á sua propria tribu. A 20 de *scahal*, noite santa e festa da partição da lua por Mafoma, a que se attribue o intitular-se o gram sultão *senhor de meia lua*. O mez de *dul-kaden* é mez de descanso, e o seguinte *dul-kaden segundo* é o das peregrinações; pois creem que n'elle foi determinada por Abraham a peregrinação de Ismael e de Agar, pelo que se denominam como descendentes de Agar, agarenos, e de Sara, sarracenos. No dia 8 d'este mez celebram a festa da appareição de Deos ao propheta.

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

IV

(Conclusão)

Havendo de pôr termo por agora a estes apontamentos, falta-nos para cumprir o promettido commemorar ainda dous distinctos philologos inglezes, cujo olfato senão perturbava com o *bolor* dos nossos classicos, e que no estudo da antiga litteratura portugueza viam e admiravam alguma coisa mais que as *algaravias mysticas dos frades estonteados*, de que com tamanha irrisão mofam e desdenham estes nossos modernos *innovadores* por excellencia, sublimes alvitristas das *praias do futuro*, para as quaes se encaminham *geitosamente*, inspirados, ou antes conduzidos

«De alguma mão feita d'amor e luz,
«A revolver lá dentro em si uma idola,
«Que altim luza tambem no nosso fundo!! (*)

Fallaremos pois de Lord Strangford e de sir J. Adamson.

O primeiro, não menos insigne na carreira diplomatica que o seu compatriota Stuart, nasceu na Irlanda, segundo se diz em 1780. Tendo sido secretario da Legação britannica em Lisboa, foi nomeado ministro plenipotenciario perante el-rei D. João VI, a quem, na qualidade ainda de principe regente, acompanhou para o Brazil em 1807. Tendo servido na corte do Rio de Janeiro durante alguns annos, passou depois a exercer eguaes funções nas de Stockolmo, Constantinopla e S. Petersburgo, vindo emfim a fallecer na sua casa de Hasteley Street em anno que ignoramos.

Possuia excellente bibliotheca, em que avultavam os livros portuguezes: e como prova de applicação e do apreço que fazia de nossas letras publicou: *Poems from the portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his Life and Writings, notes, etc. etc. The second edition. London 1804.*

(1) Esta obra foi recentemente traduzida em francez por Karl Hillebrand.

(*) Vid. *Odes modernas*.

12.º gr. de 160 pag. — E apesar de que esta versão haja sido julgada com pouco favor por alguns criticos inglezes, é comtudo estimada, e tem tido varias reimpressões.

Deve-se ainda ao illustre diplomata a publicação de um documento notavel, e de maior importancia para a historia de Inglaterra. Existia entre os manuscritos do cartorio do mosteiro de Alcobaca, onde fazia parte do codice n.º 473, um dos que hoje se reputam infelizmente extraviados. Lord Strangford, havendo solicitado e obtido copia d'esse documento, o fez imprimir com o titulo seguinte: *Lettre d'un gentilhomme portugais à un de ses amis de Lisbonne sur l'exécution d'Anne Boleyn, Lord Rochford, Brereton, Norris, Smelton et Weston: publiée pour la première fois avec une traduction française par F. Michel, accompagnée d'une traduction anglaise par le Vicomte Strangford*. Paris, chez Silvestre 1832, 4.º — Nitidamente impresso, em tres columnas, contendo o texto portuguez, e as duas accusadas versões franceza e ingleza. Consta que se tiraram unicamente vinte e seis exemplares. Veja quem quizer o mais que a proposito d'esta rarissima edição dizemos em o nosso *Dictionario Bibliographico Portuguez*, tomo V, pag. 181.

De João Adamson, nascido em Gateshead a 13 de setembro de 1787, e fallecido a 27 de igual mez em 1833, muito haveria que dizer, se o espaço nol-o permittisse; porém tendo de nos restringirmos n'estas poucas linhas, remetteremos o leitor curioso para o *Diario do Governo* n.º 63 de 24 de março de 1836, onde achará traduzida uma biographia d'esse conspicuo litterato: ou para o tomo I da novissima e completa edição das *Obras de Camões*, dada á luz pelo sr. Visconde de Juro-menba, que de pag. 277 a 280 dá a respeito do mesmo uma noticia assás circumstanciada.

Da sua particular predilecção pela litteratura classica portugueza, e das riquezas que n'esse genero possuia, é prova sobeja o volume que imprimiu e distribuiu particularmente aos seus amigos, com o titulo: *Bibliotheca Lusitana or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature, and Poetry of Portugal: forming part of the Library of John Adamson, etc. etc.* Newcastle on Tyne 1836. 8.º de 113 pag. — Ahi se comprehende a mais ampla collecção que até áquelle tempo se havia reunido das obras e edições de Camões, passante de cento e vinte volumes.

Publicou tambem: *D. Ignez de Castro, a Tragedy from the Portuguese of Nicola Luis, with remarks on the History of that unfortunate Lady*, by John Adamson. Newcastle. 1808.

Memors of the Life and Writing of Luis de Camoens, by John Adamson. Edinbourg and Newcastle 1820. 8.º 2 volumes com retratos.

Lusitania illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc. of Portugal. Literary Department. Part. I. Selection of Sonnets, with biographical Sketches of the Authors, by John Adamson. Newcastle 1842. 8.º de XII—100 pag.

Lusitania illustrata etc. Part II. Minstrelsy. Ibi, 1846, 8.º de XVII—54 pag.

Todas estas obras gosam de geral estimação; e como os exemplares apenas de longe em longe, e só casualmente se deparam no mercado, quando algum apparece acha logo compradores que o disputam entre si, pagando-o por elevado preço.

Este ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal, composto só de pequenos homens e de pequenas cousas (na phrase dos modernos videntes que vem trazer-nos a luz!) teve sempre entre os estranhos, e tem ainda hoje, quem o préze e admire mais vantajosamente que certos nacionaes. Colligimos n'outro tempo, e chegámos a adiantar um extenso *Catalogo bibliographico e critico das obras escriptas e publicadas por auctores estrangeiros ácerca de Portugal e de suas cousas*; trabalho que bem quizeramos offerecer aos nossos illustres sabios, como prova do que dizemos, se as circumstancias nos favorecessem para completal-o e imprimil-o. Comò pouca ou nenhuma esperanza nos resta de que tal desejo se converta em realidade, fique embora para ser por nossa morte, com outras semelhantes minudencias, mais utilmente aproveitado em alguma tenda no embrulho dos adubos!

SAUDADES

Que pela face a lagrima resvãle
A quem no exílio geme.

J. DE DEOS.

Quando a noute desdobra o estrellado manto,
e emcima da montanha a lua pallideja,
o genio da saudade em torno a mim adeja,
silencioso então dos olhos cae-me o pranto;

o espirito revôa ás noites do passado,
e do passado evôca os brilhos e os fulgores:
lá, fosse dia ou noite, em tudo, em tudo amores,
amor—dizia a lua, amor—o sol dourado.

A lua!—ella bem sabe os canticos e harpejos
que eu soltava ao clarão dos mil celestes lumes;
ella bem sabe ainda os risos e os perfumes
que a minha flor me dava em troca de meus bejos.

Que noites! que prazer! que sonhos! que ventura!
que aureola deslumbrante então nos envolvia!
N'aquella doce voz que incantôs! que magial
N'aquelle terno olhar que luz suave e pura!

.....

Recordas-te de quando a lua fascinante
cheia de luz surgiu da serra na clareira?
e uma nuvem surgiu tambem, tenue, ligeira,
a lua sombreou, se desfez n'um instante?

Oh! lembras, sim, que então um intimo receio
o seio te agitou, turbou-te um pouco a face;
mas, quando a nuvem tenue se esvaeceu fugace,
teu rosto serenou, calmo ficou teu seio.

E a lua proseguiu, cortando a immensidade,
e a lua inda hoje brilha, e segue o mesmo trilho;
mas, ah! quanto é mais triste e pallido o seu brilho,
visto assim através do pranto da saudade!

Vizeu, outubro de 65.

CANDIDO FIGUEIREDO.